

Herança das Viúvas da Seca: Análise da contribuição do empoderamento feminino e do desenvolvimento sustentável na vida de mulheres do Sertão Pernambucano

RESUMO

Este artigo tem por finalidade trazer uma reflexão sobre a contribuição do empoderamento feminino e do desenvolvimento sustentável na vida das mulheres sertanejas de Pernambuco, através de uma análise de relatos históricos sobre as primeiras articulações impulsionadas por essas que enfrentaram a seca e inúmeros desafios existentes na época, onde lutaram em prol da inserção e da visibilização da mulher nos espaços de trabalho e poder, sobretudo, ressaltando as batalhas por uma participação ativa como protagonistas de seus próprios contextos sociais e da coletividade onde vivem. Utilizando como ícone a Viúva da Seca com toda sua bagagem de vida e significado de superação. Correlacionando situações e histórias sobre problemas sociais com superações, iniciativas e diversas formas de enfrentamento adotadas para superar barreiras sociais, políticas e econômicas. Focando na sororidade, cooperação, organização e na mobilização em prol do desenvolvimento e também no despertar para os princípios do feminismo, através da luta por direitos iguais. Esta pesquisa também tem a missão de fazer uma ponte entre o início da história do engajamento de mulheres sertanejas pernambucanas e a atual configuração das presentes ações oriundas do pioneirismo e coragem das primeiras que através do inconformismo e determinação, puderam alcançar patamares dantes não desbravados.

Palavras – chave: seca; empoderamento feminino; desenvolvimento sustentável

INTRODUÇÃO

Enveredemos por uma faceta do Sertão ainda não tão historicamente explorada e disseminada, um pedaço pernambucano que vai além dos seus aspectos geográficos e econômicos, que tem riquezas que ultrapassam o senso comum, rico em preciosidades históricas, humanas e sociais. Este Sertão que abriga flores que brotaram entre as pedras, entre o solo rachado de uma vida dura e cotidianamente desafiadora. Terra de viúvas de muitas coisas e situações. Lugar de esperança, lugar de mulheres que contribuíram tanto para vida de tantas, sem ao menos saber a grandiosidade de suas ações. Terra onde se pode ver o gérmen de um empoderamento feminino fertilizado por um feminismo brotado ao sabor de lágrimas, suor e

sangue. Mulheres com um ímpeto autodidata de mudar para melhor o meio onde vivem, de mudar suas histórias, de serem protagonistas de suas próprias vidas. Aqui se disporão e se desnudarão histórias, exemplos e sentimentos extraídos daquelas as quais tentaram silenciar, porém suas vozes ecoaram com ainda mais força do que o silêncio que lhes impuseram. Mulheres estas que têm o direito histórico de continuar reverberando suas vozes, para que outras vozes saíam e ecoem por outros lugares ainda não explorados e que possam alcançar outras mulheres e as liberte da invisibilidade opressora. Aqui “luto” será prioritariamente a conjugação do verbo lutar na primeira pessoa do singular.

OBJETIVOS

Este trabalho tem como objetivo principal o de visibilizar a importância do empoderamento feminino e do desenvolvimento sustentável na vida de mulheres do Sertão Pernambucano, levando em consideração aspectos sociais, históricos, econômicos e políticos que ambientaram e embasaram as primeiras articulações dessas mulheres em prol da luta por seus direitos e mais qualidade de vida para todos e todas. Enveredando para exposição dos frutos dessas ações pioneiras que podem ser apreciados no presente.

Também se objetiva o resgate, a preservação, a valorização e a disseminação desses fatos históricos e das iniciativas transformadoras, propondo uma reflexão com o objetivo didático de propagação e conscientização, primando para que todas as ideias expostas nunca cheguem a se exaurir ou se perder no tempo e que possam alcançar cada vez mais pessoas, para que estas sejam ainda mais agentes transformadores do seu meio.

METODOLOGIA

Este trabalho teve como ponto de partida uma reflexão sobre o contexto social e o desenrolar histórico que envolveu as Viúvas da Seca e todas as outras mulheres do Sertão de Pernambuco, focando no desenvolvimento sustentável e no empoderamento feminino. Após isso foi trilhado um caminho para desvelar a ponte existente entre as primeiras articulações de cunho reivindicatório e feminista e a atual conjuntura fruto do árduo trabalho derivado dessas

primeiras iniciativas. Tudo isso guiado e fomentado por uma pesquisa bibliográfica com um estudo do tipo qualitativo.

DISCUSSÃO TEÓRICA

Viúvas Além da Seca

Na década de 80 uma emblemática reportagem feita pelo repórter Francisco José¹, no Sertão Pernambucano, retratava a situação de muitas famílias, sobretudo, de mulheres que estavam atravessando uma das piores secas que já passaram naquela região. O título escolhido para essa matéria cunhava um símbolo que retrataria e cravaria na história a saga dessas guerreiras que quase ou totalmente abandonadas por seus companheiros receberam o nome de *Viúvas de Marido Vivo ou Viúvas da Seca*. Nomeadas pela situação extrema que a todos assolava, essas sertanejas eram deixadas por seus companheiros, que partiam muitas vezes sem volta, em busca de trabalho e melhoria de vida, coisas que a seca estava retirando, muitas vezes nem a vida poupando, vida esta que teimava escorrer pelos olhos daqueles que por isso passaram e ainda passam.

A seca sempre uma foi uma árida realidade do Sertão de Pernambuco, porém ela por vezes apertava ainda mais em determinados períodos, conforme pontua Barreto (2009), relatando que a seca que teve início em 1979 e durou quase cinco anos, alastrou a fome e a violência por onde ela se impunha, os cálculos da época remetiam a inexistência de colheita em 1,5 milhões de km². Nessa época morreram 3,5 milhões de pessoas por conta de doenças e desnutrição. Segundo Coimbra e Borges (2008 apud VILLA, 2000), as terras do Sul se tornaram o “Eldorado² mítico” daqueles que fugiam dessa situação extrema que assolava esse período. Conforme diz Cardoso (2008):

Flagelos pintados em cores surreais foram tomando formas em progressão aritmética, para nos anos seguintes chegar à geométrica. Cenas tétricas foram se desenvolvendo, fazendo com que a população faminta, ainda com predominância da parcela que habitava o campo, deslocou-se para as cidades, saqueando-as a fim de saciar a fome e a sede. A biodiversidade também foi duramente atingida, quando pereceram inúmeros animais, embora as plantas nativas restantes, possuidoras de excepcional adaptação às difíceis condições ambientais

¹ Francisco José de Brito nasceu em 1944 na cidade do Crato, interior do Ceará. Formou-se em direito e especializou-se em marketing, mas o interesse pelo jornalismo levou-o a tornar-se repórter de vídeo, trabalhando principalmente para o *Globo Repórter* e o *Jornal Nacional* – Fonte: Memorial da Globo

² Lugar cheios de delícias e riquezas.

do domínio da vegetação de caatinga, foram profusamente cortadas, para alimentar o gado e também como fonte de geração de emprego e renda, a fim de conseguir condições de sobreviver ao rigor da grande estiagem de 1979-1983.

A Aridez do Preconceito

Diante de todos os fatos que foram expostos de uma situação tão extenuante e extremamente sofrida, ainda sobrevinha um sentimento, um problema social, mais um desafio para essas que tiveram que enfrentar tudo e ainda mais um pouco, onde se defrontaram diante de uma situação extremamente difícil para todas: o preconceito e a desconsideração da real importância da mulher no cenário sertanejo. De acordo com Silva (2010), as mulheres foram esquecidas como sujeito histórico e isso contribuiu para uma cultura de exclusão, cultura esta que sempre colocou o homem no foco de agente principal de manutenção e salvação de qualquer recorte cotidiano que viesse a ser falado. Desse modo, como relata Souza (2010), as relações econômicas e de gênero carregam em si a herança da era colonial, onde o patriarcado e a cultura de subsistência, contribuem para invisibilizar ainda mais a figura da mulher, onde sua sexualidade e sua liberdade de ir e vir são diariamente controladas. Elas se viam diante de diversas situações nas quais só tinham a si mesmas para continuar a sobrevivência, não só a sua própria, mas de tantos que dependiam dela. Porém, havia uma clara e larga diferença de oportunidades entre os gêneros para conseguir exercer sua função garantidora, tão instintiva, tão fundamental para muitos. Portella (1999, p.13), relata:

Na área rural, em que o machismo e a educação para a submissão das mulheres é particularmente arraigado, onde a mão-de-obra feminina na pequena produção familiar é invisível ou pouco considerada, raramente mensurada, lá ficam elas, chefiando a família, trabalhando nas frentes de emergência, pendurando dívidas de comida na bodega, andando quilômetros com lata d'água na cabeça, cuidando do que resta do criatório, “agoniada vendo os bichos se acabar”, brigando por sementes quando as nuvens apontam no céu, rezando fazendo promessas, sem poderem ir nas poucas festas para não ficarem faladas, vendo os filhos mirrando de comer arroz-puro-e-olhe-lá-de-vez-em-quando; vários olhando de um lado para outro, se arrastando pela sina; inúmeras participando das lutas, sobrevivência e descobertas, muitas começando a se juntar em grupos, a brigar pela participação no sindicato, pelo crédito, pelo título da terra³[...]”

³ Título da terra ou título de domínio é o instrumento que transfere o imóvel rural ao beneficiário da reforma agrária em caráter definitivo. É garantido pela Lei 8.629/93, quando verificado que foram cumpridas as cláusulas

Aí vê-se claramente que a seca, que é uma situação difícil em sentido macro, abriga diversas outras lutas no sentido micro, pois cada uma vivenciou e ainda vivencia suas próprias guerras anônimas na luta pela vida para sobreviver e na luta pela vida para viver com direito ao exercício pleno de sua cidadania, que muitas lhe era negado por sua condição de gênero, uma violência não tão amplamente catalogada e divulgada, porém tão cruel quanto as outras conhecidas. Conforme ilustra Souza (2010, p2.) Em suma “Ser mulher no sertão, no imaginário social representa a figura do feminino que passou boa parte de sua vida confinada ao ambiente da casa e subordinada à autoridade masculina.

Entretanto essas mulheres não só foram Viúvas da Seca, Viúvas de Maridos Vivos, foram viúvas, muitas vezes, de políticas públicas e de respeito social que infelizmente não alcançaram todas. Todas elas tiveram e tem que passar por diversas dores, diversas readequações sociais. Onde muitas vezes existiu um patriarcado⁴ exercido à distância ou um “matriarcado⁵ de ocasião”, pois muitas vezes este último só era exercido quando não tinha mais ninguém do sexo masculino que pudesse exercitar essa liderança no lar e essa responsabilidade pelos cuidados de forma naturalmente aceita e incentivada pela sociedade. O que se pode aferir em muitas estruturas sociais dessa natureza, é que a valorização da liderança feminina só é aclamada e incentivada quando não houver possibilidade do patriarcado imperar, pois prioritariamente quando existe uma situação normal, confortável e natural, com recursos à disposição e diversas outras características de crescimento e desenvolvimento, necessariamente o comando masculino é esperado, mesmo que ele não tivesse sendo o único ou mais importante responsável por tal. Observado todo o recorte histórico com uma gama de situações indesejáveis acontecendo e coexistindo, como a seca pode representar, é interessante perceber que quando a lei da sobrevivência impera, as posições familiares solidificadas socialmente, perdem seu espaço fixo e passam a figurar no segundo plano. As secas em geral, trazem em si uma bagagem não só histórica ou biológica, mas sim, todo um emaranhado antropológico que se desdobra em diversas questões que

do contrato de concessão de uso e o assentado têm condições de cultivar a terra e de pagar o título de domínio em 20 (vinte) parcelas anuais. Fonte: INCRA – Governo Federal

⁴ Patriarcado pode ser entendido como uma instituição social que se caracteriza pela dominação masculina nas sociedades contemporâneas em várias instituições sejam elas políticas, econômicas, sociais ou familiar. É uma forma de valorização do poder dos homens sobre as mulheres que repousa mais nas diferenças culturais presentes nas ideias e práticas que lhe conferem valor e significado que difere nas diferenças biológicas entre homens e mulheres. Fonte: Infoescola – por Marcele Juliane Frossard de Araujo

⁵O termo matriarcado designa sociedades que foram social, econômica, política e culturalmente criadas por mulheres. Essas sociedades não são espelhos das sociedades patriarcais, invertendo o gênero dominante. São igualitárias no que se refere ao gênero, mesmo quando as mulheres estão na liderança. Fonte: Infoescola – por Marcele Juliane Frossard de Araujo.

refletem na vida daqueles que viveram e vivem sob essa situação. Questões sobre a importância e o efetivo reconhecimento da participação da mulher nesse contexto histórico, leva-nos a mergulhar nas entrelinhas das relações sociais e entender o porquê de muitos avanços femininos observados hoje, pois como exemplifica Branco (1999), onde ressalta que até bem pouco tempo as trabalhadoras rurais eram enxergadas pelo governo e pelos sindicatos, apenas como mães e responsáveis pelo bem-estar da família. Ressaltando que o reflexo desse pensamento reducionista é a questão de as mulheres só terem direito à aposentadoria a partir da Constituição de 1988.

Trazendo para a realidade das sertanejas pernambucanas que prioritariamente passaram e que ainda passam por situações extremas como essa, pode ser facilmente observado na maioria dos casos, mulheres criadas num modelo onde elas eram condicionadas a não terem voz ativa, participação, comando ou qualquer atitude que afrontasse a “normal e esperada” liderança masculina, e de repente se deparam abruptamente com uma situação de vida ou morte, que exigiu delas uma posição de comando que foi exercido instintivamente e que salvou diversas vidas. Poeticamente ao falarmos de salvar vidas, podemos entender que esse fenômeno social salvou vidas não só do aspecto básico de sobrevivência, e sim, a salvação dessas pode ser entendida também como uma preservação e cuidado com tudo que estava ao redor dessas mulheres, tais como: história, cultura, religiosidade e ciência. Há uma riqueza nascida nessa aridez literal e metafórica, tal qual uma flor que nasce entre as pedras; um tesouro social de superação que enriqueceu e enriquece a tantos e tantas, que ensina a todos e todas.

A Esperança em Meio ao Caos

Depois de tantas lutas passadas e de muitas ainda passando e outras se arvorando num horizonte ainda pouco acalentador, essas mulheres, figuras centrais de um drama social, biológico e cultural, se viram diante de uma situação onde não havia alternativa senão a luta e a determinação. Em meio a seca de 1979-1983, várias ações foram desenvolvidas para tentar amenizar os impactos danosos. As pessoas morreram de fome e isso aconteceu sem nenhum filtro romântico ou cinematográfico, a realidade nua e seca foi escancarada e a escassez de possibilidade da manutenção da vida para os menos favorecidos, foi explicitamente mostrada. Pois como retrata Passador e Passador (2010, p.67), “ Embora tenha caráter natural e aconteça, geralmente, na mesma região, a seca ocorre em diferentes conjunturas sociais e incide, negativamente, nas condições de vida da população”. Diante disso, conforme explana

Souza (2010), onde classifica o sertão como detentor de características heterogêneas e graves índices de desigualdade social combinados com uma inexistência de política de desenvolvimento sustentável para o semiárido, que vise a criação de alternativas econômicas locais, levando a população menos favorecida e dependente da agricultura de subsistência, a se tornarem vítimas cada vez mais brutalmente atingidas por situações como essa. A importância do auxílio e do resgate são indiscutíveis, porém a busca por caminhos que previnam a chegada em situações dessa terrível natureza, é de extrema pertinência e de frutificação permanente, pois sendo repassada e disseminada, pode salvar vidas nos seus diversos aspectos.

Nesse ínterim, ações foram sendo desenvolvidas e as mulheres foram se engajando, assumindo um posicionamento aguerrido, não que outrora não o tivesse, porém agora de forma mais organizada. É de se ressaltar que a seca é uma realidade que acompanha o Sertão Pernambuco desde sempre, oscilando entre períodos mais agressivos e mais amenos. Porém, ano após ano, período após período, elas começaram a ter e participar de iniciativas que visavam o preparo de mulheres para o enfrentamento sustentável de situações como essa. Essas ações foram de diversas naturezas, porém o objetivo central sempre foi a mulher e sua importância como principal agente transformador, impulsionador e mantenedor dos locais que elas viviam. Agora no que se refere a perfil e responsabilidade mantenedora, essa imagem se ressignifica e assume outros contornos e dimensões, pois a manutenção só não se restringe aos cuidados do seu próprio lar, da sua própria família, ele se expande e atinge sua comunidade em diversos aspectos. Toma proporções políticas e de primeiras incursões nos espaços de decisão. Quando se fala o termo incursão, tenta se retratar de maneira fidedigna a maneira como isso foi, e por vezes ainda é, encarado por muitos. Pois a mulher, sobretudo pernambucana e sertaneja, sempre foi vista em seu estado de submissão e silêncio, e vê-las tomar as rédeas das situações que viviam, foi enxergado como intromissão e inadequação, porém elas só estavam assumindo lugares, iniciativas, posturas e vozes que deveriam sempre pertencer a todos. Como foi tratado anteriormente, a seca é um flagelo, porém dela brotou o despertar de muitas, onde tiveram seus primeiros contatos com noções reais de empoderamento⁶ feminino, feminismo⁷, desenvolvimento sustentável e a luta para ocupar

⁶ Empoderamento é a ação social coletiva de participar de debates que visam potencializar a conscientização civil sobre os direitos sociais e civis. Fonte: <https://www.significados.com.br>

⁷ Feminismo é um movimento político, filosófico e social que defende a igualdade de direitos entre mulheres e homens. Fonte: <https://www.significados.com.br>. A escritora Nigeriana e ativista prol feminismo, Chimamanda Ngozi Adichie, define que feminista é a pessoa que acredita na igualdade social, política e econômica entre os sexos.

lugares que sempre deveriam lhes pertencer. Uma visão atual sobre o empoderamento e sobre como isso pode mudar realidades, tanto de outrora como atualmente, pode ser vista no pensamento de Dutra (2011):

Promover o empoderamento das mulheres. Eu acredito que essa é uma grande questão que pode implicar em uma série de mudanças em situações graves que vemos no dia a dia da sociedade, obviamente, com toda a série de medidas necessárias que envolvem as questões dos direitos das mulheres. Mas, juntamente com essa luta, não podemos esquecer do empoderar-se!

Elas à Luta no Meio de Suas Próprias Lutras

Um marco histórico dos primeiros movimentos femininos de mulheres do Sertão Pernambucano, foi a luta para entrarem nas Frentes de Emergência⁸, pois só podiam participar homens. De acordo com a FETAPE⁹, o Sertão marcou o início da luta e organização das mulheres trabalhadoras rurais no estado, mais precisamente a partir de 1981, período em que o Nordeste vivia seu terceiro ano de seca. A inquietação e a necessidade foram os propulsores desse movimento, pois elas queriam fazer parte de forma ainda mais ativa na busca da melhoria da situação alarmante em que se encontravam. Todavia, as suas atribuições ditadas pela sociedade e arraigadas como ‘para mulher fazer’, não eram mais importantes do que outras atribuições que elas desejavam, sobretudo porque o que estava em questão era a liberdade que todas almejavam de lutar da maneira que elas pudessem, sem empecilhos morais, sociais ou legais. Brotavam ali as primeiras impressões de militância, sororidade¹⁰, consciência e visão da real importância e poder da mulher.

As Frentes faziam parte de uma ação que consistiu em vários programas que visavam o auxílio através do pagamento por serviços prestados pelas pessoas que estavam sofrendo no período crítico de seca. De acordo com Cordeiro (2004):

Em Pernambuco no referido período, os sindicatos de trabalhadores rurais e a FETAPE desenvolveram uma série de ações para a mudança dos critérios

⁸ Havia 22.227.520 flagelados da seca, destes, apenas 2.775 milhões trabalham nas frentes de emergência recebendo um terço do salário mínimo. Fonte: <http://osemiaridoebelo.blogspot.com.br>

⁹ A FETAPE é uma entidade sindical de segundo grau, que representa e coordena os trabalhadores e trabalhadoras rurais de Pernambuco. Fundada em 6 de junho de 1962, a Federação foi reconhecida em 17 de outubro do mesmo ano. Hoje, é constituída por 179 Sindicatos dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais das três regiões do estado. Fonte: <http://www.fetape.org.br>

¹⁰ Sororidade é a união e aliança entre mulheres, baseado na empatia e companheirismo, em busca de alcançar objetivos em comum. O conceito da sororidade está fortemente presente no feminismo, sendo definido como um aspecto de dimensão ética, política e prática deste movimento de igualdade entre os gêneros. Fonte: <https://www.significados.com.br>

das frentes de emergência: exigiram a construção de obras comunitárias, fizeram listas de trabalhadores excluídos e apontaram obras prioritárias. Além disso, denunciaram o não pagamento dos salários, a longa jornada de trabalho e a inscrição de ‘fantasmas’. Em 1981, um ato público no Município de Afogados da Ingazeira conseguiu unir cinco mil trabalhadores (as) do Sertão. Uma das reivindicações era a inclusão de mulheres nas frentes de emergência.

De acordo com Moreira (2017), um considerável volume de recursos foi destinado para as Frentes de Emergência, onde neste programa foram fornecidos empregos a 26,6 milhões de trabalhadores rurais, chegando a gastos no período de 1979/1982 no montante de 4 (quatro) trilhões de cruzeiros. Esse valor utilizado representou 50% dos gastos do Ministério do Interior¹¹. Entretanto, de acordo com Campos (2004), esse programa tinha divergências que iam além da desigualdade de gênero, ele recebia críticas por parte da Igreja Católica e dos Sindicatos Rurais no sentido de suposta apropriação de recursos públicos pelos setores mais abastados em contraponto com a situação de miséria explícita que milhares de pessoas estavam passando. Ainda de acordo com Cordeiro (2004), só homens maiores de 14 anos, podiam ser cadastrados e com o limite de um homem por família. Sendo assim, as mulheres viviam num paradoxo, pois elas, numa expressiva quantidade, eram abandonadas por seus companheiros que ora viajavam para trabalhar e mantinham um vínculo a distância com as famílias ou simplesmente iam e cortavam laços e nunca mais voltavam, e, portanto, elas ficavam responsáveis para sustentarem sozinhas os seus lares. Este fenômeno social chamou atenção e também fortaleceu essa reivindicação. Como retrata Cordeiro (2004), “ Em 1983, os sindicatos de trabalhadores rurais do Sertão Central elaboraram o documento *Mulher Excluída do Programa de Emergência*, que foi encaminhado para o governo do estado, SUDENE¹², OAB e imprensa em geral. ” Cordeiro (2004), ressalta também que esse movimento teve grande repercussão, porém o resultado das reivindicações foi posto em prática aos poucos, com luta em cada lugar que era iniciada sua implementação. Várias reuniões ocorreram e em todas elas se fazia presente o tema da inclusão das mulheres. Ela destaca que em uma dessas reuniões compareceram 53 mulheres e que após isso, elas se encaminharam para o Batalhão de Engenharia do Exército para exigir o cadastramento. Elas pouco a pouco estavam se tornando agentes de transformação de suas próprias realidade,

¹¹ Ministério do Interior (MINTER) - ministério brasileiro criado em 25 de fevereiro de 1967 pelo Decreto-Lei nº 200 de 25 de fevereiro de 1967 e depois convertida na Lei 8.029, de 12 de abril de 1990 e encerrado pela medida provisória nº 151, de 15 de março de 1990.

¹² SUDENE – Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste, cuja área de atuação da SUDENE abrange totalmente os Estados do Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia e, parcialmente, os Estados de Minas Gerais e do Espírito Santo – Fonte: <http://www.sudene.gov.br>

transformações essa para melhor. Elas já eram protagonistas de suas sagas, porém agora ocupam o lugar de destaque no palco da vida, visibilizadas pelo feixe de luz do empoderamento que paulatinamente ia iluminando as ideias, as atitudes e os sonhos de todas. Mas tudo isso era só o começo de uma luta que envolveu preconceitos, ameaças e discriminações, pois Segundo Almeida *apud* Cordeiro (2004), o papel delas nas Frentes foi designado para cuidar da alimentação dos alistados, porém elas não aceitaram e renegociaram suas atuações, passando assim a executar obras onde havia só participação feminina. De acordo com Almeida *apud* Cordeiro (2004), isso foi um grande facilitador, pois neste local de trabalho se agregavam de 300 a 400 mulheres e isso as ajudou muito para se articularem e fortalecerem o Movimento nas próprias Frentes.

Todas essas articulações não eram claramente rotuladas à época como ações feministas e de empoderamento, empregando essas nomenclaturas, porém o teor histórico, as falas, as atitudes, os movimentos e a luta eram essencialmente uma revisão e uma busca por igualdade entre os gêneros e por respeito aos direitos das mulheres. Conforme diz, Souza (2010):

A partir de 1982, no Sertão Central de Pernambuco, Nordeste do Brasil, as mulheres que trabalham na agricultura familiar foram conjugando os seus interesses, afinando os discursos e criando conexões, trocas e vínculos entre elas próprias e com outros atores sociais. Nos últimos vinte anos de organização das mulheres trabalhadoras rurais do Sertão Central de Pernambuco muitas ações e lutas foram desenvolvidas. As mulheres passaram a se posicionar como trabalhadoras rurais e a exigir a participação nas decisões que afetam as suas vidas, tanto na esfera pública quanto privada.

Segundo Deere (2004), várias desvantagens permeavam a vida dessas mulheres, tais como problemas em relação aos termos de benefícios de aposentadoria, pois apenas uma pessoa por família poderia ser beneficiada dessa forma, “o chefe de família”. As desvantagens iam além e se intensificavam no sentido de que as aposentadorias já eram 50% de um salário mínimo e as suas viúvas recebiam uma pensão equivalente a 30%. Porém em 1985, as questões das mulheres rurais foram mais seriamente encaradas no Fórum Nacional do Movimento dos Trabalhadores, no Quarto Congresso da CONTAG.¹³

¹³ A Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (CONTAG) completou 50 anos de fundação em 22 de dezembro de 2013. Atualmente, com as 27 Federações de Trabalhadores na Agricultura (FETAGs) e mais de 4.000 Sindicatos de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais (STTRs) filiados, compõe o Movimento Sindical de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais (MSTTR), que luta pelos direitos de mais de 15,7 milhões (PNAD/IBGE, 2009) de homens e mulheres do campo e da floresta, que são agricultores(as) familiares, acampados(as) e assentados(as) da reforma agrária, assalariados(as) rurais, meeiros, comodatários, extrativistas, quilombolas, pescadores artesanais e ribeirinhos. Fonte: <http://www.contag.org.br>

Segundo Deere (2004):

O ímpeto veio da primeira reunião oficial do Movimento das Mulheres Trabalhadoras Rurais (MMTR) ¹⁴de Sertão Central, no estado nordestino de Pernambuco. As raízes do MMTR no Nordeste podem ser localizadas nas reuniões acontecidas em Brejo, Paraíba, e em Serra Tablada, no Sertão Central, Pernambuco, durante 1982 e 1983, bastante focadas na situação de emergência provocada por uma seca prolongada. Mas, em torno de 1984, quando o MMTR-Sertão Central foi oficialmente fundado, a principal preocupação era em como aumentar a participação das mulheres trabalhadoras rurais dentro do movimento sindicalista. Nessa reunião, foi formulada uma proposta para ser apresentada no congresso da CONTAG em Brasília, de que uma prioridade da organização deveria ser a sindicalização das mulheres trabalhadoras rurais e a consideração de seus interesses. As reivindicações das mulheres foram apoiadas pelos líderes homens da FETAPE, que as acompanharam até Brasília.

As mulheres ao começarem seu engajamento nestes Movimentos, não melhoraram suas vidas num piscar de olhos. Mas alcançaram a sapiência de saberem que suas vozes tinham o poder de levá-las além, que a articulação poderia produzir mais esperança e que a união poderia fazer coisas grandiosas.

O ato de plantar sementes ao solo seco, hábito corriqueiro na vida destas, pode ser metaforicamente adaptado diante desse momento histórico, como sementes lançadas no solo seco, porém regadas como as lágrimas de muitas e muitas que sonharam e lutaram por um futuro diferente. Essas sementes sim, germinaram e crescem todos os dias e produzem frutos que não só as filhas podem desfrutar e disseminar, pois o ideal do feminismo é a igualdade e quando se fala em igualdade, prioritariamente incluímos todos.

Frutos Nascidos de Campos Regados com Suor, Lágrimas, Sangue e Determinação: flores nascidas entre as pedras

Anos se passaram e hoje podemos ter a dádiva de debruçarmos diante de tantas preciosidades históricas, sobretudo didáticas e inspiradoras e podemos analisar que todos os aspectos, relatos e panoramas expostos aqui, oriundos do ímpeto pioneiro de mudança, trouxeram de fato uma transformação na vida das mulheres do Sertão Pernambucano, pois

¹⁴ O Movimento da Mulher Trabalhadora Rural do Nordeste (MMTR-NE) é uma associação sem fins lucrativos que defende os direitos das mulheres inseridas nos espaços rurais. Com 24 anos de estrada trabalhando temas, como a valorização da autoestima; os direitos e cidadania da mulher; a produção, geração de trabalho e renda; políticas públicas, participação e representação das mulheres rurais; articulação e mobilização política e, ainda, saúde e meio ambiente. Fonte: <http://www.mmrne.org.br>

estimularam o surgimento de diversas iniciativas, projetos, movimentos e articulações que deram seguimento ao que outrora fora semeado com os ideais de empoderamento feminino e de desenvolvimento sustentável, que vem a cada dia florescendo a vida de cada vez mais mulheres que hoje podem galgar ainda mais patamares na busca pela igualdade, pela sustentabilidade e pela manutenção da insaciável vontade de sempre querer o melhor pensando em si, em sintonia com outro, com o meio ambiente e com a sociedade como um todo.

Várias iniciativas atuais, frutos de todas essas articulações, continuam mudando a vida de muitas e de toda a coletividade. Pode se destacar ações, tais como o projeto Mulheres na Caatinga, desenvolvido pela CMN - Casa da Mulher do Nordeste¹⁵, onde são atendidas diversas mulheres, objetivando a partilha de sabores e saberes pautada numa pedagogia feminista, visando a mudança de vida em consonância com a mudança do mundo. Nessa linha de ação, este projeto promove e fomenta iniciativas, tais como: Fogão Agroecológico, manejo sustentável e cuidado com o bioma e “Farmácia Viva”. Outro projeto desenvolvido por esta instituição, são os Quintais Produtivos, onde mulheres do Sertão de Pernambuco recebem auxílio para estruturarem seus quintais produtivos para a criação de galinhas e para produção de hortaliças e plantas medicinais. Segundo a CMN (2015), “Nesses processos de troca de saberes, a agricultora pode participar de formações políticas e agroecológicas; conhecer um pouco mais sobre seus direitos; sobre o combate a violência; sobre autonomia e empoderamento das mulheres; além de fundamentos básicos do feminismo. ”

As iniciativas no Sertão abrangem outras áreas além das já aqui apresentadas, um exemplo disso é a Rede de Mulheres Produtoras do Pajeú¹⁶, onde tem por missão o fortalecimento da organização produtiva das mulheres contribuindo para sua autonomia econômica e política através da ação em rede. Sendo regida pelos princípios do feminismo, da economia solidária, da agroecologia e do trabalho em parcerias e tem por visão o fim de todas as formas de violência contra as mulheres e a conquista da autonomia econômica das mulheres, podendo

¹⁵ A Casa da Mulher do Nordeste (CMN) é uma organização não governamental feminista localizada no Recife / Pernambuco. Fundada em 1980, sua missão é fortalecer a autonomia econômica e política das mulheres, afirmando a agroecologia com base no feminismo e na igualdade racial. Assim, a CMN pode ser considerada a primeira organização brasileira voltada para a transformação da condição feminina incorporando, à sua missão, questões econômicas relativas à mudança das relações das mulheres com a produção.
Fonte: <http://www.casadamulherdonordeste.org.br>

¹⁶ A Rede de Mulheres Produtoras do Pajeú é uma associação de direito privado sem fins lucrativos existente desde o ano de 2005, quando se constituiu numa Rede de articulação de 10 grupos de mulheres na Região do Pajeú com o objetivo de quebrar o isolamento das mulheres rurais e de periferias urbanas de baixa renda, que lutavam, em suas comunidades por dignidade, renda e segurança alimentar.

viver num mundo mais justo, solidário e sustentável (REDE DE MULHERES PRODUTORAS DO PAJEÚ, 2017). De acordo com essa organização, um grupo de mulheres denominado, Guerreiras Pernambucanas e Artesanatos Pajeú, recebeu um prêmio da *Brazil Foundation*¹⁷, elas foram contempladas com o Prêmio de Inovação Comunitária, provando que cada vez mais essas, de fato guerreiras, estão alçando voos cada vez mais altos, conquistando importantes vitórias.

Todos esses avanços veem ratificando e solidificando todo um histórico de lutas e trabalho, que como foi relatado anteriormente, embasaram e fomentaram toda essa conjuntura que hoje pode ser vista. Entrelaçados a tudo isso, estão os esforços, o amor, a abdicção, o pensar coletivo e a sororidade de milhares de mulheres que contribuíram para o que podemos ver hoje sendo desenvolvido e sonhado no Sertão de Pernambuco para proporcionar muito mais conquistas na vida de todas e todos e no mundo. O desejo que fica é que o rótulo de Viúva da Seca não seja atribuído a nem mais uma mulher. Os esforços se concentram para que este belo e amado pedaço de Pernambuco seja cenário para muitas histórias de superação e sucesso e que cada mulher sertaneja possa se orgulhar ainda mais de viver nessa terra de desafios e história.

CONCLUSÕES

Observando o desenrolar do despertar da articulação e engajamento social em prol dos direitos das mulheres do Sertão Pernambucano, pode-se desprender que todas essas lutas, desafios, iniciativas e todo suor e lágrimas que literalmente regaram os anseios das mulheres que ao longo dos anos foram silenciadas, subjugadas, invisibilizadas e tratadas à parte do que se entende sobre ser cidadão. Mesmo elas sendo genuinamente cidadãs, não eram tratadas como tal, uma vez que tinham menos direitos e menos importância no contexto social, sobretudo se nesse panorama fossem pobres, nordestinas, pernambucanas e sertanejas. Isso foi mudando aos poucos e hoje, fruto de tanta luta, vemos que diversas iniciativas foram desenvolvidas e estão se desenvolvendo em prol das mulheres, embasadas no empoderamento feminino e visando o desenvolvimento sustentável nos seus diversos aspectos. Essas mulheres tomaram as rédeas de suas vidas e hoje ajudam muitas outras a fazerem o mesmo e atuarem como protagonistas do desenvolvimento do meio onde vivem. Elas sempre cuidaram de tudo ao seu redor em todos os contextos que podemos imaginar, mas eram muitas vezes

¹⁷ A Brazil Foundation mobiliza recursos para ideias e ações que transformam o Brasil. Trabalhamos com líderes e organizações sociais e uma rede global de apoiadores para promover igualdade, justiça social e oportunidade para todos os brasileiros. Fonte: [ps://brazilfoundation.org](https://brazilfoundation.org)

desconsideradas nas falas, no respeito, nos créditos e na história. É necessário buscarmos diariamente e incansavelmente o direito de a mulher ter voz e participação, não lutando por isso por serem melhores ou piores que ninguém, mas se guiando pelo princípio básico do feminismo, que é a igualdade dos gêneros. Além disso, precisamos reverberar as vozes da luta feminina que ecoaram no Sertão e que precisam ser ouvidas, lidas, visibilizadas e imortalizadas na história e nas vidas de todas e todos. Tal como tantos outros marcos históricos das lutas do movimento feminista, o ímpeto de mudança e o inconformismo das Viúvas da Seca e de todas as mulheres sertanejas pernambucanas, precisa ser exposto e propagado em todos os meios possíveis, para alimentar ainda mais quebras de tabus, mudanças e desafios. Sabemos que ainda existem muitas viúvas da seca, de políticas públicas, de suas famílias e da sociedade, que foram condicionadas a serem coadjuvantes de suas próprias vidas. A missão consiste na desmitificação da dependência da mulher de sempre ser “casada” com alguém ou atrelada a algo para poder ser alguém, pois desafios sempre existirão e problemas com certeza farão parte do cotidiano das mulheres, mas a postura aguerrida diante das situações é o que faz toda a diferença e em suma, essa foi a grande herança que essas guerreiras deixam para todas e todos.

Referências

BARRETO, Pedro Henrique. **História - Seca, fenômeno secular na vida dos nordestinos**. Disponível em: < http://ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&id=1214:reportagens-materias&Itemid=39>

BRANCO, Telma Castelo. Et al. (Orgs). **Viúvas da Seca**. Recife: Rebento, 1999.

BURITI, Catarina de Oliveira; AGUIAR, José Otávio. **Natureza e cultura nos domínios de clio: as secas e outras representações das paisagens semi-áridas na historiografia ambiental**, 2008. In: VILLA, Marco Antônio. Vida e morte no sertão: História das secas no Nordeste nos séculos XIX e XX. São Paulo: Ática, 2000.

CAMPOS, Nivalda Aparecida. **A Grande Seca de 1979-1983: Um estudo de caso das ações do Governo Federal em duas Sub-Regiões do Estado Do Ceará (Sertão Central e Sertão dos Inhamuns)**. Teoria & Pesquisa: Revista de Ciência Política, UFSCAR. São Carlos, 2004.

CARDOSO, José Romero Araújo. **A seca de 1979 – 1983**. Disponível em: < <http://omundocomoelee.blogspot.com.br/2008/02/seca-de-1979-1983.html>> Acesso em: 25 jul.2017

CMN, Casa da Mulher do Nordeste. **Mulheres na Caatinga: Saberes, Sabores e Poesias**. Recife, 2015.

_____. **Quintal Produtivo oferece novas perspectivas de vida para agricultora do município de Flores.** Recife, 2017

CORDEIRO, Rosineide. **Além das secas e das chuvas: os usos da nomeação mulher trabalhadora rural no Sertão de Pernambuco.** Tese de Doutorado em Psicologia Social, PUC-SP. São Paulo, 2004.

DEERE, Carmen Diana. **Os direitos da mulher à terra e os movimentos sociais rurais na reforma agrária brasileira.** *Rev. Estud. Fem.* [online]. 2004, vol.12, n.1, pp.175-204. ISSN 0104-026X. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2004000100010>.

DUTRA, Ana Rita. **Empoderar!** Disponível em: <
<http://blogueirasfeministas.com/2011/04/empoderar/>. Acesso em 8 ago. 2017.

FETAPE, Federação dos Trabalhadores Rurais. **Mulheres sertanejas dão continuidade à luta e à sua história.** Disponível em: <<http://www.fetape.org.br/noticias-detalle/mulheres-sertanejas-d-o-continuidade---luta-e---sua-hist-ria/5465#.WY--5VGGNPY>> Acesso em 8. Ago. 2017

MOREIRA, Roberto. **A história das Secas no Nordeste.** Disponível em: <
<http://blogs.diariodordeste.com.br/robertomoreira/seca/historia-das-secas-no-nordeste/>>. Acesso em 8 ago. 2017

PASSADOR, Claudia Souza; PASSADOR, João Luiz. **Apontamentos Sobre as Políticas Públicas de Combate à Seca no Brasil: Cisternas e Cidadania?** São Paulo: Cadernos Gestão Pública e Cidadania / v. 15, n. 56, 2010

PORTELLA, Tarciana. et al. (Orgs). **Viúvas da Seca.** Recife: Rebento, 1999.

REDE DE MULHERES PRODUTORAS DO PAJEÚ, 2017. Disponível em: <
<https://redemulheresprodutoraspajeu.codigosur.net/>. Acesso em 8 ago. 2017

SILVA, Marcelino Marcolino da. **Memórias de uma “Viúva da Seca”.** Disponível em: <
<http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/9532/1/PDF%20-%20Marcelino%20Marcolino%20da%20Silva.pdf>> Acesso em: 6 ago. 2017

SOUZA, Maria Aparecida de Oliveira. **As Mulheres Trabalhadoras Rurais e Suas Experiências de Vida.** Disponível em: <
http://www.encontro2010.historiaoral.org.br/resources/anais/2/1269040299_ARQUIVO_AS_MULHERESTRABALHADORASRURAISESUASEXPERIENCIAS-1.pdf > Acesso em: 20.06.2017